

# SERRAVES

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English



**HUGO CANOILAS**  
**PÓLIPOS CNIDÁRIOS**  
**REPARADOS**  
**PELO OLHAR DO**  
**OBSERVADOR**

**EXPOSIÇÃO**  
**EXHIBITION**

**Curadoria** Curated by: Marta Moreira de Almeida,  
Ricardo Nicolau

**Serviço Educativo** Educational Service: Denise Pollini  
(coordenação coordinator), Diana Cruz, Cristina Lapa

## **CUIDADO COM AS MEDUSAS**

Ricardo Nicolau

As medusas são animais fascinantes. Representam tão dramaticamente a alteridade que para nelas pensarmos devemos primeiro descartar quase todas as ideias feitas sobre aquilo que significa a vida (e a morte, já lá vamos), estar vivo, ser um ser vivo. De caminho, também nos obrigam a repensar preceitos sobre reprodução e crescimento. Embora desprovidos de pulmões, sangue e cérebro, são animais que se podem reproduzir de formas inusitadas e que prescindem do acasalamento e de noções de macho e fêmea; metamorfoseiam-se de modos que desafiam aquilo que entendemos como uma configuração mais ou menos estável; uma determinada espécie de água-viva pode chegar a nunca morrer, pelo menos de causas naturais, tal a sua incrível capacidade de regeneração<sup>1</sup>.

A presença de medusas, vivas e mortas, é de qualquer forma cada vez mais evidente: os banhos de mar são interditados ou desaconselhados em muitas praias porque as suas águas estão infestadas de águas-vivas; outras veem os seus areais transformarem-se em cemitérios ao ar livre onde jazem à vez dezenas destas criaturas gelatinosas e aparentemente

---

1. A água-viva imortal foi descoberta por acaso em 1988 por Christian Sommer, estudante alemão de biologia marinha. Depois de a examinar durante alguns dias, Sommer percebeu que determinada espécie de medusa simplesmente se recusava a morrer, regredindo ao seu estado inicial de desenvolvimento até reiniciar novamente o seu ciclo de vida. E assim sucessivamente. Outros pesquisadores descobriram entretanto que ela inicia o seu incrível rejuvenescimento em situações de stresse ou ataque. Durante esse período, o organismo passa por um processo conhecido como transdiferenciação celular, um evento atípico no qual um tipo de célula se transforma em outro, tal como ocorre com as células estaminais humanas.

descoloridas (vivas e em alto-mar exibem cores luxuriantes). Não é por acaso que se estima estes organismos existirem há 500 milhões de anos: a água dos oceanos cada vez mais quente parece ter sobre eles um efeito positivo e o facto de prosperarem num ambiente hostil à maioria das espécies faz da sua crescente visibilidade um lembrete e um símbolo do aquecimento global. Também não só são cada vez mais numerosos os estudos científicos que lhes são dedicados como abundam os locais, nomeadamente aquários e oceanários, que propõem a sua descoberta<sup>2</sup>.

### **MEDUSAS-TAPETE**

A primeira exposição de Hugo Canoilas (Lisboa, 1977) no Museu de Arte Contemporânea de Serralves é protagonizada por três modelos em vidro de medusas. Foram produzidos em Vilar de Frades, zona da Marinha Grande, uma cidade portuguesa cuja associação à atividade industrial vidreira e à arte e ao artesanato feitos com aquele material foi confirmada em 1998 com a abertura do Museu do Vidro. Ironicamente, determinadas praias deste concelho no centro de Portugal foram este verão notícia por terem

---

2. O Sea Life, um aquário localizado não muito longe do Museu de Serralves, propõe da seguinte forma uma viagem **À descoberta das Medusas:** “Deixe-se fascinar pelas misteriosas vidas das medusas com o nosso brilhante conjunto destes animais que, mesmo sem terem sangue, pulmões ou cérebro, conseguiram sobreviver até aos dias de hoje! As medusas já existiam há muito tempo quando os primeiros répteis começaram a caminhar pela Terra, calculando-se que nadaram pela primeira vez nos nossos oceanos há cerca de 500 milhões de anos! Existem cerca de 350 espécies diferentes de medusa e elas podem ter mais de dois metros ou serem pequenas como a cabeça de uma agulha. Se as vir na natureza tenha cuidado, pois os tentáculos das medusas possuem um veneno que utilizam para capturar as suas presas e que pode ser muito doloroso se entrar em contacto com a sua pele!”

interditado ou desaconselhado banhos. O motivo? A presença de medusas<sup>3</sup>. Já a sua presença na Galeria Contemporânea de Serralves, a sua aparência, a forma como foram produzidas e o modo como são instaladas ultrapassa a sua função de alerta para o aquecimento global e permite identificar aquilo que mais singulariza a prática de Canoilas. Para começar, o artista, conhecido pelo seu trabalho colaborativo, decidiu produzir as medusas com uma “artista do vidro” formada na Escola da Marinha Grande: Conceição Cabral. Isto não significa que se tenha limitado a dar-lhe instruções, desenhos e planos, contando com a sua experiência para que o resultado final lhes fosse absolutamente fiel. Pelo contrário: o inexperiente (no que toca à manipulação do vidro) Canoilas quis que a aparência das medusas traduzisse justamente o seu diletantismo e constituísse uma surpresa tanto para ele quanto para a entendida especialista. O resultado (e o processo que lhe deu origem) é a prova de que muitas vezes propostas vindas de leigos entusiasmados podem funcionar, para os habilitados, como desafios aos limites dos campos disciplinares em que se especializaram. Longe de pretender que os seus vidros funcionem como réplicas fiéis de cnidários (agrupamento taxonómico que inclui medusas, águas-vivas e alforrecas) – até porque a história que os associa ao vidro já inclui modelos repletos de detalhes anatómicos que o artista conhece e admira, nomeadamente os famosos vidros Blaschka<sup>4</sup> -,

---

3. No dia 8 de agosto de 2020, segundo a agência noticiosa Lusa, “A bandeira vermelha foi hasteada na Praia da Vieira, na Marinha Grande, devido à presença de medusas, alertou este sábado a Capitania do Porto da Nazaré e a Câmara local. Segundo comunicado da Autoridade Marítima Nacional, a restrição devido à presença de ‘Medusa Velella’ havia sido imposta inicialmente na terça-feira e vigorou até sexta-feira, altura em que o impedimento foi levantado pelas autoridades.”

4. Originários da Boémia mas instalados em Dresden, os

Hugo Canoilas produziu peças que evocam pelas suas formas achatadas as medusas que jazem nos areais e pelas suas cores aquelas que vivem em alto-mar. Digamos que, ao contrário de Leopold e Rudolf Blaschka, o artista abdicou de quaisquer detalhes dos cnidários e satisfez-se com a apresentação de uma representação ou uma ideia genérica de medusa. Interessou-lhe portanto trabalhar com a imagem que quase todos – os mais afortunados, pelo menos – temos dos nossos encontros com medusas, alforrecas ou águas-vivas: massas gelatinosas mais ou menos informes avistadas na orla marítima. Até porque decidiu trabalhar dois espaços normalmente negligenciados em exposições – o solo e o teto – e colocar os vidros diretamente no chão, onde estabelecem uma relação visual e tátil com os visitantes que deve diferir da comum receção de intocáveis esculturas. E assim chegamos a uma característica do trabalho de Hugo Canoilas que é comum aos seus projetos pensados quer para a rua quer para contextos museológicos: trabalhar com os códigos de receção (e confundi-los) que indicam como agir perante uma obra de arte. As obras que apresenta no espaço público nunca são anunciadas ou identificadas como tal e muitos dos seus projetos para galerias

---

alemães Leopold Blaschka (1822-1895) e o seu filho Rudolf Blaschka (1857-1939) criaram, entre meados do século XIX e os anos 1930, modelos em vidro de animais invertebrados marinhos (medusas, anémonas, estrelas-do-mar, pepinos-do-mar), de plantas e de flores. Estes modelos, que reúnem vidro transparente, colorido e pintado através de um intrincado trabalho manual que requeria uma grande dedicação, foram exclusivamente realizados por encomenda de estudiosos europeus e norte-americanos dos reinos animal e vegetal, encontrando-se atualmente em coleções de instituições ligadas a universidades, como os museus de Harvard (Cambridge, Massachusets) e Cornell (Ithaca, Nova Iorque) e nos Museus de História Natural de Londres e de Dublin. As Coleções Blaschka, extremamente frágeis, foram pouco expostas, mas estes objetos têm granjeado admiradores através de fotografias que destacam a dedicação e a minúcia com que foram realizados.

e museus desafiam a receção tradicional da sacrossanta obra de arte (ultimamente, o artista tem-se dedicado, por exemplo, ao fabrico de pinturas-tapete que não só devem como têm de ser pisadas por todos quantos queiram inspecioná-las). Quem considera que uma premeditada confusão entre arte e vida foi uma reivindicação exclusivamente associada aos artistas dos anos 1960-70 tem na prática de Canoilas uma oportunidade para reconsiderar a pertinência da obstinada sobrevivência da-quele princípio na prática de determinados artistas nossos contemporâneos.

### **A GRUTA SUBMERSA**

A medusa enquanto símbolo das alterações climáticas, já o dissemos, tem um interesse relativo para Hugo Canoilas. Aquilo que verdadeiramente lhe interessa naquele animal, e em geral nos organismos marinhos em que a sua prática se tem vindo a inspirar, é justamente o seu desafio às ideias tradicionais de configuração, reprodução e multiplicação de formas. A medusa enquanto símbolo da metamorfose, do constante devir interessará bastante mais ao artista. Para Canoilas, a prática artística é antinómica de qualquer estabilidade. Por isso lhe interessa tanto o trabalho colaborativo e colocar em marcha processos que não domine completamente e que deem origem a um resultado final que o consiga surpreender. São disso exemplo os vidros que agora apresenta, as intervenções no espaço público, as grandes pinturas gestuais a que se tem dedicado (a última também é apresentada nesta exposição, disso falaremos mais adiante) e obras coletivas como *A gruta*<sup>5</sup>, um projeto de longa duração

---

5. No site da Galeria Quadrado Azul pode ler-se: “Utilizando parte do piso inferior da galeria de Lisboa, *A gruta* assume-se como uma obra coletiva e uma plataforma experimental que

em que se vão sobrepondo num mesmo local, disponibilizado pela sua galeria em Portugal na filial de Lisboa, intervenções de artistas convidados por Canoilas. A Galeria Contemporânea do Museu de Serralves pode ser entendida, durante o tempo em que estiver ocupada por esta exposição de Hugo Canoilas, como uma gruta submersa.

### **HÁ MUITOS, MUITOS ANOS... OU HOJE, OU AMANHÃ**

Ao entrar na Galeria Contemporânea podemos olhar para baixo ou para cima, e esquecer as paredes: o artista optou por privilegiar as duas superfícies a que os visitantes de qualquer museu estão em princípio mais desatentos. No chão estão as medusas e no teto uma pintura de grandes dimensões que o artista realizou a partir de imagens da fauna e da flora marinhas. Esta tela, e uma intervenção no rodapé da galeria que o transforma simultaneamente numa caixa de luz e numa pintura, criam uma ambiência lumínica que influencia a forma como experienciamos as peças em vidro; nunca fez tanto sentido falar de uma “experiência imersiva”. Ao olhar para a pintura no teto, percebe-se imediatamente porque é que a prática artística de Canoilas, e especificamente a sua prática pictórica, é frequentemente associada à palavra “anacronismo”: no texto que apresenta *A gruta* atualizam-se expressões artísticas com milhares de anos: “As pinturas

---

pretende criar comunidade entre um conjunto de artistas, a galeria e o seu público. Este projeto [é] desenvolvido por um conjunto heteróclito de autores de diferentes gerações, proveniências geográficas e afiliações artísticas, sociais e políticas, configurando-se como um espaço de convergência da diferença. As contribuições para esta obra oscilam entre intervenções no espaço da gruta, que se vão sobrepondo, e um conjunto de intervenções efémeras que pretendem ampliar as problemáticas evocadas neste projeto.”

rupestres resultaram de uma nova consciência, que está para além da racional, e que permitiu exteriorizar formas plásticas ritualistas que ainda hoje oferecem resistência a uma determinada leitura e domínio. As primeiras pinturas mostram formas de empatia entre o animal e humano e revelam uma relação não hierárquica entre humanos, animais e plantas, assim como com a montanha, a chuva e outros elementos.”<sup>6</sup>

A grande pintura que Hugo Canoilas agora apresenta na Galeria Contemporânea foi feita, já o referimos, a partir de imagens da fauna e flora marinhas. Tal como essas “primeiras pinturas” confunde - através de gestos largos em que o artista pinta com o corpo todo (“forma plástica ritualista”), colocando-se premeditadamente numa situação que não domina e em que constantemente lhe escapa a relação entre o todo e as partes - o vínculo hierárquico entre o homem e aquilo que supostamente lhe é exterior.

Este texto começou por associar o magnetismo exercido pelas medusas ao facto de representarem de forma tão dramática a alteridade. Isto ajuda a explicar o fascínio exercido pela sua presença no projeto de Canoilas, em que, independentemente das muitas características que distinguem determinados organismos do homem, com eles se promove, exatamente como nas pinturas rupestres, uma relação empática, simbiótica. Mais, medusas e restante fauna e flora marinhas parecem, precisamente como a leitura do artista das pinturas do Paleolítico, indicar um caminho para pensar questões atuais e a sua relação com a arte nossa contemporânea: “O movimento anacrónico que evoca o tempo das pinturas rupestres é um terreno fértil para pensar os aspetos mais prementes do

---

6. Site da Galeria Quadrado Azul (<https://www.quadradoazul.pt/en/qa/>).

presente, como as novas formas de subjetividade na Quarta Revolução Industrial, a paridade de género e a ecologia.”<sup>7</sup>

A constante e estranha metamorfose, uma das características que melhor define as medusas, também é aquilo que melhor caracteriza a prática artística de Hugo Canoilas: ao abdicar da experiência e da habilitação, envolvendo-se em projetos em que perde premeditadamente o domínio sobre o resultado final, ao promover a interação entre pessoas e peças, e entre obras (a perceção dos vidros, da pintura de teto e do rodapé influenciam-se mutuamente), o artista apaga-se e apaga as fronteiras entre si, os outros, os animais, as plantas, “a chuva e outros elementos”. Parece, Hugo Canoilas já o percebeu, que temos tudo para desaprender com as medusas.

---

7. Ibid.

## **BEWARE OF THE MEDUSAE**

Ricardo Nicolau

Medusae are fascinating animals. They represent otherness so dramatically that to envision them we must first cast aside most preconceived ideas on the meaning of life (and death, as we shall see), on being alive and on being a living being. But they also compel us to rethink the laws that govern reproduction and growth. Despite their absence of lungs, blood and brain, these animals are able to reproduce in unique ways, beyond the act of mating and such notions as male and female; they metamorphose in ways that defy our understanding of a more or less stable configuration; theoretically, a certain species of jellyfish<sup>1</sup> may never even die, at least of natural causes, such is its regeneration ability.<sup>2</sup>

The presence of medusae, alive or dead, is increasingly more noticeable, with swimming being banned or advised against in many beaches due to jellyfish infestation; often covered in dozens of these gelatinous, apparently colourless creatures (in the ocean they display a vibrant array of colours) the sands resemble open air cemeteries. Estimated to have existed for five hundred million

---

1. Here translated as 'jellyfish', the Portuguese term 'água-viva' (sing.) could also be rendered, more literally, as 'live-water'. (T.N.)

2. The immortal jellyfish was discovered by chance in 1988 by Christian Sommer, a German marine biology student. After examining it for several days, Sommer realised that a certain species of medusa simply refused to die, returning to its initial development state until re-starting its lifecycle again. This occurred in succession. Meanwhile, other researchers discovered that it starts this incredible rejuvenation in situations of stress or under attack. During that stage, the organism undergoes a process known as cellular transdifferentiation, an atypical event in which one type of cell transforms into another, like with human stem cells.

years, the increasingly warm ocean waters seem to have a positive effect on these organisms and the fact that they prosper in an environment that is hostile to most other species, along with their growing visibility, is a reminder and a symbol of global warming. Not only is there a growing number of scientific studies on them as numerous aquariums and oceanariums offer the chance of discovering them.<sup>3</sup>

### **MEDUSAE-CARPET**

The first exhibition by Hugo Canoilas (Lisbon, 1977) at the Serralves Museum of Contemporary Art features three glass models of medusae made in Vilar de Frades, near Marinha Grande, a Portuguese city whose link to industrial glassworks and the artisanal production of glassware led to the opening of the Glass Museum in 1998. Ironically, this municipality in central Portugal made the news this summer by banning or advising against swimming at certain beaches. The reason? The presence of medusae.<sup>4</sup> But their presence at the

---

3. Sea Life, an aquarium in the vicinity of the Serralves Museum, offer the following *Discovering Medusae* journey: 'Be fascinated by the mysterious lives of medusae by visiting these animals. Even without blood, lungs or brain, they have survived to this day! Medusae had already been around for a long time before the first reptiles began walking the Earth. It is estimated that they began swimming in our oceans around 500 million years ago! There are around 350 different species of medusae, which can reach over two metres in length or be as small as a pinhead. If you encounter them in nature beware, because its tentacles release a poison used to capture their preys and which can be extremely painful when in contact with your skin!'

4. According to Lusa News Agency, on 8 August 2020, 'The Nazaré Port Authority and the local City Council, decided to hoist the red flag at Vieira Beach, Marinha Grande, due to the presence of jellyfish. According to a press release by

Serralves Contemporary Gallery, i.e., their appearance, the way they were produced and installed, exceeds their role as a warning against global warming and points to the uniqueness of Canoilas' practice. Known for his collaborative work, the artist decided to produce the medusae together with Conceição Cabral, a 'glass artist' from the Marinha Grande School. This does not mean that he merely provided instructions, drawings and plans relying on her experience for an absolutely faithful final result. Instead, the inexperienced Canoilas (concerning the handling of glass) wanted the appearance of the medusae to translate his dilettante approach and be a surprise both for himself and the seasoned expert. The outcome (and the process that engendered it) proves that frequently a layman's enthusiastic proposal may challenge the limits of the disciplinary fields in which the specialists operate. Far from expecting his glass pieces to function as faithful replicas of the cnidarians (a taxonomic group that includes medusae and jellyfish) - and also because there is already a history of highly anatomically detailed glass models which the artist knows and admires, such as the famous Blaschka glasses<sup>5</sup> -, Hugo

---

the National Maritime Authority, the restriction followed to detection of 'Medusa Velella' and was in place from Tuesday and was only lifted on Friday'.

5. Originally from Bohemia, the German Leopold Blaschka (1822-1895) and his son Rudolf Blaschka (1857-1939) settled in Dresden where, from the mid-1800s until the 1930s, they created glass models of marine invertebrates (medusae, anemone, starfish, sea-cucumbers) as well as of plants and flowers. These models, made with coloured and painted transparent glass, required intricate manual work and painstaking dedication. They were exclusively commissioned by European and American researchers of the vegetal and animal kingdoms and are now in the collections of university institutions, such as the museums at Harvard (Cambridge, Massachusetts) and Cornell (Ithaca,

Canoilas produced glass pieces whose flattened shapes evoke both the medusae lying dead on the sands and the colourful ones living in the ocean. It could be said that unlike Leopold and Rudolf Blaschka, the artist abdicated from a detailed presentation of the cnidarians and was satisfied with presenting a representation, or a general idea, of medusae. Therefore, he was interested in working with the image that most of us - at least the more fortunate - have of our encounters with medusae or jellyfish, those more of less formless, gelatinous corpses glimpsed on our shores. Canoilas also chose to work on two usually neglected, potential exhibition spaces - the floor and the ceiling - and placed the glass pieces directly on the floor allowing them to establish a visual and tactile relationship with visitors, which should differ from the usual reception of untouchable sculptures. This brings us to a characteristic of Canoilas' work that is shared between his street art and museum projects: to work with (and blur) the reception codes that regulate the interaction with an artwork. His works for the public space are never announced or identified as such, and many of his drawings for galleries and museums challenge the traditional reception of the sacred artwork (the artist has recently been producing pieces such as rug-paintings that not only should, but must, be stepped on by viewers). Those who think that a deliberate blurring of art and life was a claim exclusive to artists from the 1960s and 70s may find in Canoilas' practice a chance to reconsider the pertinence of the obstinate survival of that principle in the work of certain contemporary artists.

---

New York), and the Natural History Museums in London and Dublin. Seldom shown, the extremely fragile Blaschka Collections have been extensively photographed. The dedication and detail that went into their production has earned them countless admirers.

## **THE SUBMERGED GROTTO**

As we have mentioned, for Canoilas the value of the medusa as a symbol of climate change is but relative. He is especially interested in the challenge to the traditional ideas of configuration, reproduction and form-multiplication offered by that animal and by the marine organisms that have been inspiring his practice. The medusa as symbol of metamorphosis and constant becoming is what truly fascinates the artist. For Canoilas, artistic practice is an antinomy of stability, which is why he is so keen on collaborative work and in setting in motion processes that he might not completely master and whose final outcome might surprise him, as exemplified by these glass pieces, but also by his public space interventions, by his large gestural paintings (the latest of which is also featured in this exhibition, as we shall see) and by such group pieces as *A gruta* [The Grotto]<sup>6</sup>, a long-term project at the Lisbon branch of his gallery in Portugal, which features layers of interventions by artists invited by Canoilas. The Contemporary Gallery of the Serralves Museum might well be understood as a submerged grotto for the duration of this artist's exhibition.

## **MANY, MANY YEARS AGO... OR TODAY, OR TOMORROW**

Entering the Contemporary Gallery, we may look up or look down and simply

---

6. The website of Galeria Quadrado Azul reads: 'Using part of the Gallery's basement floor, *the grotto* is a collective work and an experimental platform that seeks to create a community between a group of artists, the gallery and its audience. This project will be developed by a heteroclitic group of authors from different generations, geographical origins and artistic, social and political affiliations, configuring itself as a space where difference converges. The contributions to this work oscillate between interventions in the grotto's space that will overlap on one another, and a set of ephemeral interventions that intend to amplify the problems evoked through this project'.

disregard the walls: the medusae are on the floor; the ceiling features a large-scale painting based on images of marine flora and fauna. This canvas, along with an intervention on the Gallery's baseboard that turns it both into a lightbox and a painting, generate a luminous environment that influences our experience of the glass pieces. The expression 'immersive experience' is thoroughly justified here, as is (by looking at the painting on the ceiling) the word 'anachronism', which is frequently associated with Canoilas' work, more specifically with his pictorial practice. The presentation text for *A gruta* evokes artistic expressions that are thousands of years old: 'The cave paintings resulted from a new consciousness which is beyond the rational and which allowed to exteriorise ritualistic visual forms that still resist to a certain understanding and domination. The first paintings show forms of empathy between animal and human and reveal a non-hierarchical relationship between humans, animals and plants, as well as with the mountains, the rain and other elements'.<sup>7</sup>

As we have mentioned, the large painting now on display at the Contemporary Gallery was based on images of marine flora and fauna. Like those 'early paintings' it blurs the hierarchical bond between humankind and what is supposedly external to it. Indeed, the artist applies large gestures, painting with his entire body ('a ritualistic visual form'), as he deliberately places himself in a situation that is beyond his control and in which the relationship between the whole and the parts constantly eludes him. This text began by associating the magnetism exerted by medusas with the fact that they represent otherness in such a dramatic way. This helps explain the fascination exerted by their presence

---

7. Galeria Quadrado Azul (<https://www.quadradoazul.pt/en/qa/>).

on Canoilas' project, in which, despite the numerous traits that distinguish certain organisms from humans, an empathic, symbiotic relationship is fostered with them exactly like in cave paintings. Moreover, medusae, along with the remainder of marine flora and fauna, seem to indicate a pathway, just like the artist's reading of Palaeolithic paintings, to think topical questions and their relationship with contemporary art: 'The anachronistic movement that evokes the cave paintings' time is fertile ground to think about the most pressing aspects of the present, such as the new forms of subjectivity in the Fourth Industrial Revolution, gender parity and ecology'.<sup>8</sup>

Constant and strange metamorphosis, one of the characteristics that best define medusae, is also that which best characterises Canoilas' practice: by abdicating from experience and technical know-how, by committing to projects over whose outcome he deliberately relinquishes control of, by promoting the interaction between people and pieces, as well as between works (the perception of the glasses, the ceiling painting and the baseboard influence one another), the artist erases himself and erases the boundaries between himself, others, plants and animals, and 'the rain and other elements'. It seems, as Canoilas has understood, that we have everything to unlearn from medusae.

---

8. Ibid.

## VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.–1 p.m. and 2.30–5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt  
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00  
Tel: 22 615 65 46  
Fax: 22 615 65 33

Marcações online em Online booking at [www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

## LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

[loja.online@serralves.pt](mailto:loja.online@serralves.pt)  
[www.loja.serralves.pt](http://www.loja.serralves.pt)

## LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00  
Seg Mon - Encerrado Closed

## BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

## RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated to one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

[restaurante.serralves@ibersol.pt](mailto:restaurante.serralves@ibersol.pt)

## CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 11h00-19h00

### Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210  
4150-417 Porto – Portugal

[serralves@serralves.pt](mailto:serralves@serralves.pt)

Geral General line:  
(+ 351) 808 200 543  
(+ 351) 226 156 500

[www.serralves.pt](http://www.serralves.pt)

[f](https://www.facebook.com/fundacaoserralves) /fundacaoserralves

[t](https://twitter.com/serralves_twit) /serralves\_twit

[i](https://www.instagram.com/fundacao_serralves) /fundacao\_serralves

[y](https://www.youtube.com/serralves) /serralves

Apoio institucional  
Institutional support



Mecenas da Exposição  
Sponsor of the Exhibition



Mecenas Exclusivo do Museu  
Exclusive Sponsor of the Museum

